

VANEAU, DE VOLTA COM O 'BEETHOVEN': BELGA RADICADO NO BRASIL HÁ 41 ANOS RETORNA AO PALCO DIRIGINDO TEXTO DE MAURO CHAVES SOBRE O COMPOSITOR INTERPRETADO POR STÊNIO GARCIA

Alberto Guzik

Maurice Vaneau está de volta ao teatro. O veterano encenador esqueceu-se de quando dirigiu seu último espetáculo de prosa. Nos últimos anos, esse belga – que lançou raízes no Brasil há 41 anos – dirigiu balés de Célia Gouvêa, sua mulher. Esteve também à frente do Centro Cultural do Teatro Guaíra, em Curitiba. E, amante de óperas, assinou Aída em Curitiba, Tosca em São Paulo, O Barbeiro de Sevilha em Bruxelas.

O teatro permanecia distante de seu cardápio. Até que o jornalista e escritor Mauro Chaves deu-lhe um texto para ler. Era a história de uma disputa judicial envolvendo personagens incomuns no teatro brasileiro, que não tem tradição na área das peças históricas. Na obra que Chaves mandou a Vaneau, o protagonista é o compositor Ludwig van Beethoven.

A trama põe em foco a luta do músico com a cunhada, Joana, viúva de seu irmão mais velho, pela tutela do sobrinho, Karl. Vaneau sentiu-se desafiado. Soube que era hora de retornar ao teatro, veículo em que conheceu os maiores sucessos de sua carreira.

Produtor, cenógrafo, ator, encenador, Vaneau nasceu em 1926, em Bruxelas, onde se formou pela Academia Real de Belas-Artes. Completou os estudos na Yale University, nos Estados Unidos. Em 1955 veio a São Paulo acompanhando uma turnê do Teatro Nacional da Bélgica, dirigido por ele.

Um dos espetáculos assinados por ele, Barrabás, de Michel de Ghelderode, fez tal sucesso que o encenador foi convidado pelo dinâmico Franco Zampari, chefe supremo do Teatro Brasileiro de Comédia, a montar um espetáculo para a companhia. Em 1956 estreou a primeira produção brasileira assinada por Vaneau: A Casa de Chá do Luar de Agosto, comédia americana que revelou o talento Ítalo Rossi e ficou dois anos em cartaz.

Com Beethoven, Maurice Vaneau espera repetir o êxito de bilheteria daquele espetáculo e de outros sucessos que teve no Brasil, Os Ossos do Barão, uma das raras incursões do excelente Zeloni no teatro, e Quem Tem Medo de Virginia Woolf, de Edward Albee, com Cacilda Becker e Walmor Chagas.

Beethoven exigiu longa pesquisa do dramaturgo Mauro Chaves, que também produz o espetáculo. Stênio Garcia e Ester Góes encabeçam o elenco como Beethoven e Joana. Gustavo Engracia interpreta o adolescente Karl, móvel do conflito. O espetáculo entrará em cartaz no Teatro Sérgio Cardoso dia 26 de março, data do 170º aniversário da morte do compositor.

JT – Como era o teatro brasileiro quando você chegou aqui?

Maurice Vaneau – Não tinha a menor ideia do que era o teatro brasileiro. Com a companhia belga, passei pelo Rio, que foi uma loucura, e por São Paulo, de que gostei muito. Pareceu-me

* In: **Jornal da Tarde**, São Paulo, p. [?], 10. fev. 1997.

uma cidade americana, com aquele dinamismo, uma energia que corria no ar. A cidade estava em obras. Aliás, o Brasil parecia em obras. Conheci Zampari, Sábato Magaldi, comecei a fazer amigos. Sempre gostei de viajar, sou aventureiro. Não fui o primeiro da minha família a vir pra cá. Tive um avô que andou por aqui, mas nunca o encontrei. No TBC descobri uma coisa muito positiva, uma companhia permanente. Só depois fiquei sabendo que era a única no Brasil. O TBC era um teatro pequeno, com alguns defeitos, parte dos quais corrigi mais tarde, e um bom equipamento que depois degingolou. No equipamento, na formação de técnicos, o teatro brasileiro regrediu, em vez de evoluir do ponto em que já estávamos. O Teatro Municipal de São Paulo, que eu dirigi e deixei bem-equipado, teve sua estrutura desmontada. Isso faz parte de um processo cultural.

Você trabalhou com alguns monstros sagrados do teatro brasileiro.

Sim. Na verdade, vi a afirmação da carreira dessas pessoas. Acompanhei a formação de companhias como a de Fernanda Montenegro, Fernando Torres e Ítalo Rossi. E vi as dúvidas que eles tinham. Foi o que ocorreu com Cacilda Becker, por exemplo. Pouco antes de sair do TBC, ela conversou comigo, disse que tinha uma grande dúvida e me perguntou se estava certa em querer ir embora. Eu disse que sim, que era um movimento necessário. Mas avisei-a de que iria sofrer. Pois ela passaria a ser alvo de todas as reclamações, de todas as irritações. Exatamente como acontecia com Zampari, no TBC.

O teatro hoje está melhor ou pior?

Ele já passou por vários estágios e níveis. Melhorou em alguns pontos, piorou em outros. O TBC, que é tão criticado, provocou o nascimento de muitas companhias, levou ao aumento de salas, ao aparecimento de diretores nacionais. Lembro que tive uma grande briga com Zampari. Quis montar uma peça de Antonio Callado e ele recusou. Depois houve uma nacionalização no bom sentido, que soube valorizar a cultura brasileira e incorporou a ela o que vem de fora. O teatro politizou-se, o que foi importantíssimo. Acho que a partir dos anos 70 o teatro se enfraqueceu. Teve de enfrentar a concorrência da televisão, do turismo. Há 40 anos conseguíamos manter uma produção por um, dois anos em cartaz. Quantas montagens são capazes disso, hoje? O teatro se pagava na bilheteria, da produção à publicidade. Atualmente, nem um espetáculo de sucesso é capaz de bancar sua publicidade. É preciso estar garantido antes da estreia, saber fazer dinheiro. Vale o velho ditado: "Make Money, my son. Honestly, if you can, but make Money" ("Ganhe dinheiro, meu filho, se puder, mas ganhe dinheiro"). Claro, precisamos de dinheiro, mas quando esse se torna o objetivo da arte, da vida, então as coisas estão no mau caminho.

“Peça pode ser o núcleo de um projeto teatral importante”: para o diretor, espetáculo significa a possibilidade de voltar a desenvolver uma nova companhia

Para Maurice Vaneau, a volta ao teatro, com Beethoven, é uma retomada de caminho. Mas é também a possibilidade de voltar a desenvolver um projeto de companhia. E essa perspectiva deixa-o francamente excitado.

Jornal da Tarde – Como foi que chegou a Beethoven?

Maurice Vaneau – Mauro Chaves deu-me o texto para ler. Pensei que ele queria minha opinião

sobre a obra. Quando fomos conversar, ele me interrompeu, assustado: “Mas você só está falando dos defeitos da peça”, disse. “Ela não tem qualidades?” Eu falei que as qualidades a gente deixa para depois, começamos pelos defeitos. Então ele me perguntou, um tanto em dúvida: “Mas você aceitaria dirigir?” E eu disse: “Mas é claro, com enorme prazer.” Só então percebi que ele não queria só minha opinião, mas pretendia me incluir no projeto. E gostei. Mauro trabalhou muito o texto. E escreveu uma obra humana, engraçada, terrível, que faz pensar.

O gênero do texto não é comum no Brasil. Não temos tradição de teatro histórico aqui.

É verdade. Mais um ponto a favor do trabalho de Mauro Chaves. Aliás, eu me considerava razoavelmente conhecedor da obra de Beethoven, mas depois de começar a trabalhar com Mauro, descobri que não sabia quase nada. A pesquisa feita por ele para escrever a peça é de uma amplitude impressionante. E a peça encadeia na ação trechos de inúmeras composições de Beethoven. A música é também uma personagem da ação.

Stênio Garcia é surpreendentemente parecido com Beethoven. Como você está dirigindo o trabalho? A caracterização será muito importante?

Sim. Mas a caracterização psicológica. Não vou querer que Stênio fique idêntico a Beethoven. O que importa são os sentimentos, as emoções, a partir dos quais o personagem pode ganhar forma, corpo, gestos que sejam do ator interpretando o compositor. Era um caráter complexo, uma pessoa difícil, poderosa.

Haverá algum tipo de realismo na montagem?

Sim, um determinado tipo de realismo. Mas sem buscar a cópia fiel de uma realidade. Na cenografia, nos figurinos (ambos assinados por Vaneau) E, claro, seremos fiéis a Beethoven na trilha sonora que Mauro Chaves compilou a partir das composições do artista. Mas não serão trechos completos, e sim fragmentos. Então, o público terá desde a música do caminhão de gás até fragmentos de sinfonias. Em alguns aspectos há realismo na montagem. Mas não haverá nele a tentativa de recriar com exatidão a época.

Você está muito energizado por este trabalho.

É um texto brasileiro escrito por um dramaturgo sensível, um texto que não está, como poderia parecer, distante da realidade brasileira. Estou trabalhando com atores muito bons. Tive a sorte de conseguir o teatro que queria. Os palcos brasileiros são cada vez mais insatisfatórios. No Sérgio Cardoso, vou poder realizar uma montagem de grande porte, com cenários como imaginei ao começar o trabalho. Este é um projeto que está gerando ideias. Queremos dedicar as quartas-feiras a adolescentes, trazer escolas para verem o espetáculo, cuidar da formação do público do futuro. Além disso, já estão surgindo novas ideias para outros trabalhos. Beethoven pode ser o núcleo de um projeto teatral importante. Por isso, penso que o sucesso desta montagem, e espero que ela seja um sucesso, não será importante apenas para o produtor e para os artistas.